

Putin ataca Ucrânia e deflagra maior ação na Europa após Segunda Guerra



Corpo de soldado estirado no chão perto da cidade de Kharkiv, palco de embates entre forças ucranianas e russas. Maksim Levin/Reuters

Putin inicia ação militar contra a Ucrânia; Kiev e Otan falam em invasão total do país

Russo bombardeia cidades e viola fronteiras do vizinho ★ Governo ucraniano decreta lei marcial e pede ajuda do Ocidente

Igor Gicelow

Após quatro meses de crise, a Rússia atacou a Ucrânia nesta quinta (24), no que Kiev e Otan (aliança militar ocidental) chamaram de invasão total. É a mais grave crise militar na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Também a maior operação desde que os Estados Unidos invadiram o Iraque, em 2003.

Além disso, o comando militar das repúblicas rebeldes afirma que está avançando com suporte russo rumo às fronteiras que consideram suas, violando assim território ucraniano que estava sob Kiev. O nome disso é guerra, invasão ainda que não total. No fim da tarde, o órgão disse que 70 alvos militares haviam sido atingidos, além de 11 pistas de pouso, 1 base naval e 3 centros de controle. Não há estimativa de mortos, mas estão na casa das centenas. Kiev disse ter matado ao menos 50 soldados russos (Moscou nega) e derrubado cinco aviões e um helicóptero — o Kremlin admite um caça perdido em erro de pilotagem. Um avião de transporte ucraniano caiu perto da capital. Volodimir Zelenski acusou em pronunciamento 137 mortos do lado ucraniano.

O caráter de invasão ficou claro quando tropas aerotransportadas russas chegaram da Bielarus até perto de Kiev e lutaram por um aeroporto militar. Tanques foram vistos deixando a ditadura aliada, e a região da antiga usina nuclear de Tchernobyl foi conquistada pelos invasores — o terreno insólito pela radiação do famoso desastre de 1986 é base de ataques contra a capital. Imagens ao vivo mostraram o bombardeamento de Kharkiv, no leste, com mísseis disparados de Belgorod, na Rússia.

O presidente Vladimir Putin anunciou uma "operação militar especial" no Donbass, a área de maioria russa étnica no leste do vizinho. Seu comando militar confirmou que "armas de precisão estão degradando a infraestrutura militar" do rival. Ao fim do dia, o amplo escopo da ação estava claro, com ataques em várias frentes.

Ação começou por volta de 4h30 (2h30 de quarta em Brasília). As 5h15, Putin foi à TV e anunciou uma "operação militar especial" para "proteger a população do Donbass", região na qual reconheceu áreas rebeldes como independentes na segunda (21). O anúncio foi feito durante uma reunião do Conselho de Segurança da ONU para debater a crise. Ele afirmou que quer trazer à justiça quem cometeu o que chamou de "genocídio" e "crimes" contra russos e "desmilitarizar e desnazificar" a Ucrânia. Putin disse estar cumprindo o que havia prometido: enviar tropas para apoiar as autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk, e negou que iria ocupar território.

O governo em Kiev pensou diferente. "A invasão da Ucrânia começa", afirmou por sua vez o ministro do Interior ucraniano, Denis Monastirski, citando ataques com artilharia e mísseis. "É uma invasão total", disse seu colega chanceler, Dmitry Kuleba, no Twitter. O país decretou lei marcial e fechou seu espaço aéreo. Zelenski divulgou vídeo afirmando que os russos atacaram pontos de fronteira e infraestrutura militar do país. "Fiquem calmos", disse, afirmando que o presidente Joe Biden prometeu apoio dos EUA. Depois, falou também em resistência e pediu doações de sangue à população.

Ele afirmou que os próximos passos da guerra dependiam de Putin — um truismo, dada a desproporção de poderio militar de lado a lado. A Otan, por sua vez, chamou o ataque de "invasão por diversas frentes" e um "ato brutal de guerra". Segundo seu secretário-geral, Jens Stoltenberg, é uma "invasão planejada há muito tempo". Ele voltou a dizer que a aliança militar de 30 membros manterá alta vigilância no Leste Europeu — mas, também previsivelmente, não irá mexer uma palha militar para defender a Ucrânia. O clube deverá se reunir nesta sexta.

Houve explosões em torno de Kiev e de Kharkiv, importante centro no leste do país. Sirenes anti-aéreas começaram a soar na capital às 7h06 locais (7h06 em Brasília), mas até agora não houve relatos de bombardeio diretos da cidade. Moradores da capital se esconderam no metrô da capital. O mesmo ocorreu em Kharkiv. O comando militar russo disse que não está mirando civis. Na manhã e à noite, houve relatos de intensos ataques na costa do mar Negro, com o porto de Odessa sendo alvo, assim como o de Mariupol. Segundo disse por telefone um morador de Rostov-do-Don, a Folha, houve relatos de que Mariupol já teria sido tomada por rebeldes pró-Rússia.

É incerto o que acontece lá: se os russos estão fazendo o que Putin anunciou, "desmilitarizar" a região e o retorno das ditadas repúblicas rebeldes, ou se é o prenúncio de uma ocupação generalizada. Essa é a questão central que preocupa planejadores ocidentais.

O cenário desenhado até aqui é o de incapacitação das Forças Armadas ucranianas. Em algum grau, é semelhante à punição imposta pelo Kremlin à Geórgia pelo mesmo motivo de aproximação com o Ocidente em 2008, restando saber até onde Putin pretende ir. Os sinais emitidos pelo presidente não são auspiciosos para Kiev.

137 é o número de mortos no lado ucraniano no primeiro dia da invasão russa, segundo o presidente Volodimir Zelenski

316 pessoas também ficaram feridas do lado ucraniano, ainda segundo o mandatário

50 é o número de soldados russos que Kiev diz ter abatido, Moscou nega

"As repúblicas do Donbass nos procuraram e pediram ajuda. O objetivo [da operação militar especial] é proteger o povo do abuso e do genocídio a que ele vem sendo submetido pelo regime de Kiev. Para isso, vamos buscar desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, e levar à justiça aqueles que cometeram numerosos crimes sangrentos contra um povo pacífico, incluindo cidadãos russos", disse Putin na sua fala.

É uma promessa de caça a membros do governo ucraniano. O Donbass é talvez 80% russofôno e tem cerca de 4 milhões de pessoas nas áreas rebeldes. Desse, 800 mil têm passaporte de Moscou. A "desnazificação" a que ele se refere ressoa fortemente na Rússia, já que de fato há elementos nas Forças Armadas da Ucrânia com associações neonazistas. Zelenski, contudo, é judeu e sempre que pode lembra disso ao comentar as acusações.

O presidente americano, Joe Biden, que desde janeiro fala em "invasão iminente" dos russos, afirmou que o país "será responsabilizado" pelos ataques. Determinou sanções que se pretendem incapacitantes para a economia do país, embora haja dúvidas sobre seu alcance real.

A União Europeia e o Reino Unido também adotaram novas punições contra Moscou. A economia russa sentiu o baque, com a maior queda da história do rublo ante o dólar, assim como um tombo inédito da Bolsa de Moscou, que caiu 44% até ser ativado o "circuit breaker", fechando em 20% de queda.

Os efeitos econômicos serão ainda mais amplos, a começar pelo barril do petróleo que passa dos US\$ 100. Moscou é uma grande produtora de óleo e gás. A Ucrânia não é parte da

Otan, então seus 30 membros não vão defendê-la. O desejo do governo pró-ocidental que tomou o poder em 2014 era exatamente entrar na aliança e na União Europeia.

Visando evitar a chegada do arcabouço ocidental à sua mais importante fronteira, assim como a da aliada ditadura da Bielarus, Putin interveio na crise oito anos atrás anexando a Crimeia e fomentando a guerra civil que agora pretende resolver "manu militari".

É o russo pediu para que a Ucrânia baixe as armas no leste e fez uma advertência sombria às potências estrangeiras. "Para qualquer um que considere interferir de fora: se você o fizer, irá enfrentar consequências maiores do que qualquer uma que enfrentou na história. Todas as decisões relevantes foram tomadas, eu espero que você me ouça", afirmou.

São palavras de retórica incendiária, mas sempre é bom lembrar que nos sábados passado (19), o autor dela comandou um grande exercício de suas capacidades nucleares.

Uma Terceira Guerra Mundial não parece provável por que o próprio Biden já disse que a Otan não interviria militarmente, mas os riscos estão todos colocados.

A ação culmina quatro meses de tensão. Putin mobilizou cerca de 150 mil a 190 mil soldados em torno do país, segundo o Ocidente, e emitiu um ultimato para que a Otan pare de se expandir que nunca absorva a Ucrânia, entre outros pontos. O russo reclama desde então que o Ocidente, que rejeitou as demandas, não ouviu seus alertas.

Até aqui, as tropas mobilizadas davam credibilidade à ameaça russa. Nesta quinta, enquanto um impotente Conselho de Segurança da ONU se reúne, foram além disso. Leia mais das págs. A12 a A16, em Mercado e Esporte

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 11